

# O POSITIVISMO E A GEOGRAFIA EM RONDON

José Carlos Godoy Camargo\*  
Fabrício Felipe de Lima\*\*

## Resumo

O objetivo deste artigo é evidenciar quem foi o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, como ele foi influenciado pela Filosofia Positivista e como contribuiu para o desenvolvimento das Ciências Naturais e da Geografia em nosso país.

**Palavras-chave:** Marechal Rondon; Positivismo; Ciências Naturais; Geografia.

## Abstract

The aim of this paper is to evidence who was Marshal Candido Mariano da Silva Rondon, how he was influenced by the positivist philosophy and contributed to the development of Natural Sciences and Geography in Brazil.

**Key Words:** Marshal Rondon; Positivism; Natural Sciences; Geography.

## INTRODUÇÃO

O Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1858) é hoje considerado e referenciado como um dos mais ilustres brasileiros. É reconhecido nacionalmente e internacionalmente pelos seus serviços prestados à nação brasileira e à humanidade em geral. Figura exponencial, exemplo de retidão e de energia indomável, é celebrizado como sertanista e desbravador de áreas inóspitas e ainda virgens, em pleno século XX, na América do Sul.

Poucas nações possuem, na sua história militar, uma tradição desbravadora, científica e humanitária tão arraigada, como a legada pelo Marechal Rondon. Considerado entre os maiores desbravadores mundiais pela Sociedade de Geografia de Nova York (EUA), seu nome figura ao lado de David Livingston e Henry Stanley, exploradores das bacias dos rios Congo e Zambeze no coração da África; Amundsen e Byrd, exploradores do polo Sul; Percy e Chacot, exploradores das terras Árticas. Foi considerado ainda por essa mesma Sociedade como “o maior explorador de terras tropicais” e pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG) como o “Civilizador do Sertão”.

Consagrado mundialmente como indigenista e protetor dos índios, Rondon tem lugar relevante na história pátria, sendo considerado, pelo seu civismo e dedicação à nação, um dos “heróis” do Brasil. É um dos únicos heróis do exército em tempo de paz.

A sua ação humanística, benfeitora e apaziguadora em relação aos silvícolas (muitos ainda no estado selvagem) fez com que seu nome fosse indicado para receber o “Prêmio

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Geografia – IGCE/UNESP - Rio Claro (SP)- [jcgc@rc.unesp.br](mailto:jcgc@rc.unesp.br)

\*\* Acadêmico do Curso de Geografia - IGCE/UNESP - Rio Claro (SP)- [bricio.pira@bol.com.br](mailto:bricio.pira@bol.com.br)

Nobel da Paz”, o maior prêmio do gênero que uma pessoa pode receber. No Brasil passou a ser reconhecido e chamado como o “Marechal da Paz”.

Ao longo de sua vida recebeu grande número de honrarias, medalhas e títulos, tanto nacionais como internacionais.

É considerado um dos grandes propulsores e incentivadores das Ciências Naturais no Brasil nos tempos modernos e segundo Artur Neiva, seu nome vem logo depois de Oswaldo Cruz.

De inestimável valor foi também sua contribuição para a geografia brasileira. Dotado de uma vocação científica e tendo se instruído na Escola Militar acabou contribuindo para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. Fez a descrição e o reconhecimento dessas áreas navegando por rios e bacias fluviais quase que desconhecidas. Levantou grande quantidade de dados e informações (sobre mineralogia, geologia, botânica, zoologia, geodésia, antropologia, etc) bem como possibilitou a confecção de cartas e mapas dessas áreas.

Essa obstinação e determinação demonstrada e praticada, durante a sua vida, servindo a família, a pátria e a humanidade; respeitando e amando os silvícolas e procurando desenvolver o conhecimento científico (principalmente as Ciências Naturais e a Geografia) em nosso país, se deve à influência que sofreu da Filosofia Positivista.

Procuramos então, neste artigo, analisar o pensamento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, fazendo algumas considerações à respeito da Filosofia Positivista (da qual ele se considerava um ardoroso ativista) e da contribuição que ofereceu à geografia brasileira.

## 2. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Foge ao nosso alcance registrar toda a “biografia” do Marechal Rondon, pois viveu 93 anos e seria necessário uma obra inteira para tanto. Por outro lado a sua biografia, ele próprio ditou à jornalista Ester de Viveiros, pouco antes de falecer, o que resultou no livro “Rondon conta sua vida” (VIVEIROS, 1969). Também existe a obra do antropólogo Darcy Ribeiro, intitulada “O indigenista Rondon” (RIBEIRO, 1959) e que logo no início diz o seguinte:

*Do tenente-instrutor da Escola Militar que abandonou a perspectiva de uma carreira de magistério, para dedicar-se ao setor mais árduo da tropa, movido por suas convicções de positivista, ao marechal que morre, usando o último alento em repetir frases de Augusto Comte vai tôda uma longa e dura vida de trabalho, marcada pela fidelidade aos mesmo ideais. (RIBEIRO, 1959, p.7)*

Portanto, a nossa intenção nesse ítem é apenas relacionar algumas datas e acontecimentos que são importantes para se poder entender a sua vida e o seu trabalho. Rondon nasceu na localidade de Mimoso, próximo à Cuiabá, na antiga Província de Mato Grosso (atual Estado do Mato Grosso), no dia 5 de maio de 1865. Era filho de Cândido Mariano da Silva e Claudina de Freitas Evangelista da Silva. Não chegou a conhecer o pai, falecido em dezembro de 1864 e perdeu a mãe aos dois anos de idade. O avô lhe ensinou as primeiras letras e mais tarde ficou aos cuidados de seu tio e tutor Manuel Rodrigues da Silva Rondon, que acrescentou ao seu nome de batismo o sobrenome Rondon.

Em 1874 foi para a Escola Pública onde completou o curso primário em 1878. No ano seguinte ingressou na Escola Normal formando-se em 1881, aos 16 anos de idade, quando foi nomeado professor da mesma instituição de ensino.

Um dos fatos mais importantes de sua vida e que lhe acabou propiciando desenvolver uma formação humanística e científica foi o seu ingresso na carreira militar. Assim vemos que

assentou praça em 1881 no 3º Regimento de Artilharia à Cavalo de Cuiabá e em 1882 ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro (RJ). Em 1884 foi aprovado e matriculado no curso superior da escola Militar, concluindo o curso das três armas em 1888.

Neste período participou dos cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Estado-Maior de 1ª Classe, recebendo os títulos de Engenheiro Militar; Bacharel em Ciências Físicas e Naturais e em Matemática.

Foi aluno do também militar Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos mais ardorosos pregadores da Filosofia Positivista no Brasil, sendo muito influenciado pela mesma e pela qual pautou toda sua existência. Também foi adepto do abolicionismo e da república.

Outro fato de significância para a vida de Rondon, foi quando, ao ser indicado por Benjamin Constant para ocupar a Cátedra na Escola Militar, rejeitou-a para poder filiar-se à Igreja do Apostolado Positivista do Brasil, onde ingressou em 1898.

Ao não abraçar a carreira docente, acabou aceitando o convite para trabalhar como ajudante na “Comissão Construtora de Linhas Telegráficas”, chefiada pelo então Coronel Gomes Carneiro. Essa iniciativa acabou propiciando a oportunidade de dedicar-se ao desbravamento dos sertões, onde ficou consagrado por sua atitude de não hostilizar os indígenas, respeitando-lhes os direitos e garantias.

Iniciando as atividades como adjunto dessa Comissão, logo foi promovido a Major e Chefe da mesma e durante os anos de 1900 a 1906 percorreu grandes áreas do interior de Mato Grosso. Recebeu como incumbência a tarefa de ligar as principais localidades na fronteira paraguaia e boliviana com Cuiabá, instalando várias estações telegráficas.

Um outro acontecimento importante ocorreu em 1907, pois em reconhecimento aos seu valoroso trabalho, recebeu o convite do então presidente da república Afonso Pena para estender as linhas telegráficas até o Amazonas e o Acre. Foi então nomeado chefe da “Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas”.

Mais uma vez lhe foi dada a oportunidade de adentrar nos sertões, tendo agora pela frente uma vasta e quase inexplorada área do Brasil central. Nessa empreitada Rondon acabou encontrando maiores dificuldades, devido às grandes distâncias a serem percorridas e à presença de tribos indígenas ainda hostis e arredias.

Realizou três expedições até atingir, finalmente, Santo Antônio do Madeira, em 1909, concluindo a fase exploratória da Missão, realizadas em 1907 e 1908. Entre 1913 e 1914, Rondon participou de importante expedição ao Mato Grosso e à Amazônia Ocidental, tendo como companheiro o ex-presidente dos EUA, Theodore Roosevelt. Essa expedição ficou conhecida pelo nome de “Expedição Roosevelt-Rondon”, tornando-se célebre pela presença do ilustre visitante e devido aos resultados científicos obtidos.

Em função de sua atuação frente aos índios, foi criado em 1910 o “Serviço de Proteção aos Índios” e Rondon passou a ser o seu primeiro dirigente, mas sem se afastar da Comissão de Linhas Telegráficas.

No período de 1915-1919, Rondon empreendeu a última fase da sua campanha sertanista, quando foram coligados os dados obtidos nas diversas expedições, tendo sido organizado, para esse fim, o Escritório Central da Comissão Telegráfica na cidade do Rio de Janeiro (RJ). É importante lembrar que durante essas expedições foram realizadas descobertas importantes tais como minas de ferro, manganês, ouro, gipsita, mica e diamante, além da riquíssima coleta e catalogação de material botânico, zoológico, geológico e etnográfico.

Em 1919 foi nomeado, pelo Ministro de Estado Pandiá Calógeras, Diretor de Engenharia do Exército, passando a executar inúmeras obras e melhoramentos nas instalações militares.

Entre 1924 e 1925, Rondon assumiu o posto de comandante-em-chefe das Forças de operações no Paraná (PR) e Santa Catarina (SC), combatendo revoltosos sob a liderança do

General Isidoro Dias Lopes. Essa campanha culminou no combate de Catanduvas, vencido pelas forças legais, impondo a dispersão da coluna rebelde e seu internamento na Argentina.

Durante os anos de 1927 a 1930, incumbiu-se de fazer a inspeção minuciosa das fronteiras brasileiras, desde o norte, até Santa Catarina (SC), no sul do país. Nesta empreitada Rondon acabou legando ao Estado Maior do Exército um acervo de filmes, fotografias, cartas, esboços e análises econômicas e sociais das regiões fronteiriças.

Em 1934, reformou-se no posto de General de Divisão e outra missão especial o aguardava. O Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas nomeou-o representante brasileiro da Comissão Mista de Delegados do Brasil, do Peru e da Colômbia, para resolver o problema do litígio entre as fronteiras do Peru e da Colômbia, ou seja, a solução do caso de Letícia (1934-1938), missão esta que cumpriria com grande sacrifício, pois estava idoso e doente, sendo vitimado com um glaucoma.

Em 1939 foi fundado o “Conselho Nacional de Proteção aos Índios”, hoje conhecido por FUNAI, sendo Rondon nomeado seu primeiro presidente. Toda a sua obra de convencimento pelo exemplo, ação e coerência foi cristalizada nessa nomeação de elevado valor simbólico, que definitivamente relacionou o Estado com a proteção aos índios.

Foi elevado ao “Marechalato” por uma lei especial do Congresso Nacional e recebeu no ano de 1936, ainda em vida, uma das últimas homenagens, tendo sido o antigo Território de Guaporé batizado Território de Rondônia.

É por todos esses fatos mencionados acima e tantos outros que o cidadão brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon foi o único Homem que “emprestou” o seu nome aos mapas do Brasil e temos hoje o Estado de Rondônia (RO), que é o único Estado do Brasil que não possui nome de santidade, de descrição geográfica ou indígena.

Rondon faleceu em 1958, sendo seu corpo velado no Clube Militar com honras de chefe de estado, e na hora do enterro o seu féretro passou pela Igreja Positivista, onde lhe foi prestada a última homenagem.

### 3. O POSITIVISMO EM RONDON

#### 3.1. IDÉIAS BÁSICAS DO POSITIVISMO

O positivismo foi uma nova forma de pensar, ou seja, uma nova “ordem” que se desenvolveu na Europa Ocidental no início do século XIX. Esta escola filosófica teve uma grande aceitação e propagou-se rapidamente, pois foi ao encontro dos interesses da nova classe burguesa-industrial (capitalista) que estava em ascensão. Essa nova classe social emergente necessitava de uma “ideologia” que defendesse os seus interesses e lhes desse suporte legal, para enfrentar os problemas sociais e as lutas de classes. O positivismo foi fruto legítimo de sua época e cumpriu fielmente o seu papel.

O maior defensor e difusor do positivismo foi o filósofo e sociólogo francês Augusto Comte (1798-1857). Após a morte de sua amada, Clotilde de Vaux, em 1846, ele se propôs a representar um papel quase que messiânico: regenerar a humanidade através da “Ciência” e da “Religião”.

Assim, o positivismo, como filosofia, acabou se desdobrando em duas correntes ou vertentes, sendo uma mais voltada para os aspectos puramente científicos e outra para os problemas sociais, políticos e religiosos.

Do ponto de vista científico o positivismo passou a valorizar as ciências naturais e seu método de análise, o denominado “Método Científico Experimental”, considerado como o único método das ciências (monismo metodológico).

Ao advogar a unicidade do “Método Científico”, tomou-se como modelo de ciências as ciências naturais, entendendo-as como produtoras de certezas lógicas e de grande praticidade e objetividade. Defendia a neutralidade científica, valorizando o “sujeito” do conhecimento e separando-o do objeto. O sujeito do conhecimento, dominando o método e as técnicas e instrumentos conseguiria captar a realidade como ela realmente era (valorização do “empirismo”).

O único conhecimento positivo, universal e verdadeiro seria aquele obtido pelos “sentidos”, sendo valorizadas a “observação” e a “experimentação”. Para os positivistas só era possível conhecer os fenômenos ou fatos do mundo real (sensível) e suas relações e não a sua essência, as suas causas íntimas, pois era impossível alcançar noções absolutas.

O positivismo desenvolveu toda uma cultura “anti-metafísica”, voltando as suas preocupações e interesses para o mundo real, empírico, objetivo, palpável, mensurável e verificável pela experimentação. Ele se apresentou como uma nova visão “científica” ou “positivista” da realidade.

Os positivistas também não viam diferenças entre as ciências naturais e as ciências humanas ou sociais, tendo as últimas que seguirem exatamente os moldes das primeiras, ou seja, deveriam ter o mesmo rigor científico, a mesma objetividade e praticidade e utilizar o mesmo método.

Nessa visão, as ciências humanas ou sociais ficavam completamente desvinculadas de qualquer relação com as classes sociais, com as posições políticas e ideológicas, com as visões de mundo e com os valores éticos e morais. Mas não podemos esquecer que esses elementos são intrínsecos a essas ciências e não podem ser ignorados.

A outra corrente do positivismo foi mais voltada para os problemas políticos, sociais e ideológicos. Valorizando as ciências naturais e seu método, Comte passou a entender que a Sociedade também era regulada por “leis naturais invariáveis”, nos mesmos moldes das leis da natureza. Exaltando o natural e suas leis, o positivismo desenvolveu o “mesologismo”, acreditando que as leis naturais modelariam e condicionariam a Sociedade humana.

Com base nessas idéias Comte preocupou-se em desenvolver uma nova ciência, a “Sociologia”, uma ciência humana, mas imitativa das ciências naturais e tomando a Física como modelo, denominou-a de “Física Social” (uma ciência humana nos moldes das ciências naturais). Assim, vemos que descobrir e demonstrar as “leis sociais”, que deveriam ser vistas nos mesmos moldes das leis naturais, ou seja, leis sociais imutáveis e invariáveis, passou a ser o objeto principal de sua filosofia.

Comte acabou então engessando a Sociedade, considerando-a como um simples “objeto” e onde não poderia haver nem mudanças e nem transformações, pois os homens deveriam obedecer cegamente as leis sociais, sem contestação.

Influenciado pela idéia de progresso contínuo do conhecimento científico, Comte fez uma analogia, entendendo que a Sociedade só progrediria se houvesse ordem e disciplina. A História também deveria seguir leis invariáveis, abrangendo o progresso contínuo do conhecimento e do espírito humano, mas dentro de uma “ordem” absoluta e imutável. A História percorria um caminho pré-determinado e o seu fim estaria também, desde o início, já pré-estabelecido. Nessa visão determinista não caberia aos homens interferir na História, ou querer mudá-la, devendo os mesmos aceitarem passivamente os seus desígnios. A evolução da Sociedade só seria possível se ocorresse de modo “harmonioso”, sem mudanças drásticas ou revoluções.

Portanto, todas as reivindicações ou lutas por melhores condições de vida e de salários deveriam ser contidas, pois a permanência do “status quo” era de fundamental importância para que houvesse o progresso.

Para contornar essa situação tudo passou a ser justificado pela visão naturalista, ou seja, se o indivíduo era muito rico ou muito pobre, isso era algo natural, devendo os mesmos

se conformar com a sua situação, pois, era uma espécie de desígnio e não poderia ser modificado. Esse procedimento conformista, que deveria ser aceito por todos, foi denominado por Comte de “a sábia resignação”.

O positivismo valorizava muito a “autoridade” e a “ordem pública”, defendendo a idéia de governos fortes e ditatoriais, para poder manter a ordem e possibilitar o progresso. Combatia tenazmente o “individualismo”, valorizando sempre o “social”, pois para os positivistas o homem como indivíduo não existe. A “Humanidade” só pode viver em “Sociedade”.

O positivismo não admite senão “deveres”, de todos para com todos, devendo haver um grande respeito à “família”, à “pátria” e à “humanidade”. A sociedade só progride pelo sacrifício e pela dedicação dos homens, que deveriam se orientar sempre para o bem público. “Viver para outrem” é um dos lemas básicos do positivismo, além de exigir ainda, uma “moral rígida” (o “altruísmo”) e o cumprimento dos deveres.

O positivismo tem como princípio o amor, a fraternidade e o respeito ao próximo; a ordem como a base de tudo e o progresso do homem e da humanidade como fim. Instruir-se e divulgar o conhecimento científico era de fundamental importância para os positivistas.

Comte também se preocupou em desenvolver uma espécie de religião e que denominou de “Religião da Humanidade”. Mas ela não se baseava em mistérios ou entes sobrenaturais, mas sim, tinha por base o conhecimento científico, objetivo e racional. Tinha como “dogma fundamental” os princípios e as leis imutáveis da natureza, as quais deveriam ser descobertas pela investigação científica, tendo os homens que obedecer cegamente essas leis.

Para ele, qualquer desrespeito às mesmas, qualquer insubordinação poderia comprometer a ordem social instituída, prejudicando o progresso e a própria humanidade. Criou-se assim uma espécie de sistema “político-religioso” destinado a reformar a Sociedade.

Baseando-se no conhecimento científico do mundo, a religião positivista concorreria para o aperfeiçoamento moral e intelectual do homem, levando-o à prática do bem, da fraternidade e da solidariedade. O fim maior ou superior seria sempre o de “servir”, fazendo do amor, da solidariedade e da fraternidade um “dever”.

Vemos então, que a Filosofia Positivista dominou o pensamento europeu do século XIX como método e como doutrina. Funcionou como uma espécie de “ideologia” para as classes dominantes, das quais recebeu um grande apoio; e Comte foi considerado o grande filósofo dessa época.

### 3.2. O POSITIVISMO NO BRASIL

O Positivismo, baseado principalmente nas idéias de Augusto Comte, extravasou as fronteiras da Europa, espalhando-se pelo mundo e chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX. Penetrou primeiro nas Escolas Militares e em algumas Academias de Direito, pois nessa época, havia uma espécie de regionalização do conhecimento destacando-se as Escolas de Ciências Jurídicas de São Paulo (SP) e do Recife (PE), a Faculdade de Medicina da Bahia (BA) e a Escola Militar e a Politécnica do Rio de Janeiro (RJ).

No Brasil o Positivismo iria encontrar um solo fértil e um terreno muito propício para sua propagação, estendendo raízes profundas, afinal, vamos defrontar reflexos do positivismo até mesmo na bandeira nacional, como o lema: “Ordem e Progresso”.

Ribeiro Júnior (1991, p. 55) diz textualmente:

*[...] enquanto na Europa o positivismo servia para justificar as novas atitudes da burguesia em sua fé no progresso retilíneo da humanidade, nas Américas se apresenta de maneira diversa daquela*

*como era compreendido no continente europeu, trazendo em seu bojo um acentuado caráter político. É assim que no Brasil, galvanizando as aspirações revolucionárias da classe média urbana, assenta suas bases nas cidades e sobretudo nas Academias de Direito, na pretensão de recriar e definir uma nova consciência da realidade nacional, frente à ordem político-social dominante.*

A questão militar vai ser de grande importância para a penetração dessa filosofia em nosso país. Após o término da Guerra do Paraguai os militares acabaram perdendo muito de seu prestígio e passaram a receber incumbências de menor importância, o que acabou denegrindo a imagem dessa corporação.

Começou então a haver um novo direcionamento no ensino nas Escolas Militares. Até aquela época a formação oficial se orientava no sentido puramente profissional, ou seja, formar profissionais aptos e competentes no exercício de sua profissão.

Mas influenciados por alguns professores, que já tinham tido contato com as idéias positivistas, alguns jovens cadetes em formação, acabaram se afastando do ideal bélico e guerreiro, aproximando-se mais da cultura moderna (cientificista e pragmática).

As Escolas Militares e as Academias começaram a formar um pessoal voltado principalmente para as ciências exatas (matemática, lógica, geometria, etc) e técnicas (como engenheiros civis, cartógrafos e geógrafos), procurando desenvolver um raciocínio lógico e crítico, já preocupados com a construção de uma nova “ordem” em nosso país.

A valorização da ciência experimental moderna, principalmente entre os jovens cadetes, acabou provocando uma ruptura com a intelectualidade brasileira, a qual era oriunda, principalmente, das academias jurídicas e da Igreja, praticantes e adeptos do romantismo e do idealismo, desenvolvendo a especulação metafísica, com discursos abstratos.

Alguns professores da Academia Militar tiveram papel destacado na difusão do positivismo. O Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães foi um dos mais eminentes positivistas e um dos líderes do movimento republicano. Exerceu ele marcada influência em seus alunos que o viam como exemplo a ser seguido. “O Formador de Homens”, como era chamado, sendo apontado como um excelente comunicador, não tendo dificuldades para rapidamente formar um grupo de seguidores e admiradores. Também seu discípulo e substituto Marechal Roberto Trompowsky (que estudou o pensamento matemático de Comte) teve um papel relevante.

Nessa época em que o antimonarquismo, o abolicionismo e o republicanismo eram a moda entre os jovens estudantes e intelectuais, os alunos de Constant não fugiam à regra. Passaram a funcionar como um receptáculo perfeito para as doutrinas positivistas, onde eram valorizadas os ideais de fraternidade e de amor à pátria e à humanidade.

Segundo Ivan Lins (1964) a repercussão do positivismo na Escola Militar foi tão forte que em 1879 inaugurou-se o “Clube Acadêmico Positivista”, passando a editar duas revistas: “Revista da Família Acadêmica” (1887) e a “Revista Acadêmica Militar” (1903). Rondon fez parte da Comissão de Redação, escrevendo vários artigos nestas revistas.

Mas além dos militares, o positivismo também foi muito bem aceito pela nova classe urbano/industrial brasileira em ascensão que vivia nas cidades e que precisava, cada vez mais, de uma “ideologia” que defendesse seus interesses.

Era necessário lutar contra a política daquela época, dominada pela oligarquia rural (Barões do Café) que recebia todas as benesses do Império. Havia a necessidade de recriar e definir uma nova consciência da realidade nacional, em função dos aspectos modernizantes que estavam ocorrendo no mundo todo.

Essa nova classe passou também a valorizar as ciências exatas e naturais, pois as mesmas abriam portas para o desenvolvimento tecnológico e para a exploração da natureza,

elementos de grande importância para a industrialização e para promover o crescimento e o progresso do país.

Ao finalizar o século XIX já havia no Brasil um grupo de seguidores do positivismo, grupo este que se não era ainda muito coeso, era firmemente defensor dessas novas idéias. Esse grupo era composto pelos novos cadetes (dos quais Rondon fazia parte), de intelectuais oriundos das classes abastadas e de jovens estudantes que ao retornarem da Europa passaram a difundir essa filosofia, ao prepararem as suas teses e trabalhos, nas melhores escolas superiores.

Mas independentemente dessas correntes a intelectualidade brasileira passou a aceitar e a discutir abertamente a filosofia positivista, procurando fazer uma reflexão sobre os problemas políticos/sociais. Buscou uma nova ordem ou uma nova visão de mundo que deveria agora ser pautada nas ciências naturais e no método científico, desprezando e combatendo a retórica palavrosa e os discursos metafísicos e especulativos da elite dominante.

Por volta de 1881, foi fundada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, dois positivistas convictos, a “Igreja Positivista do Brasil” na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Seus fundadores estavam preocupados em desenvolver uma nova consciência moral e social, com base nas idéias de Comte, o idealizador da “Religião da Humanidade”, onde não se cultuava um Deus onipotente, mas sim a “Humanidade”, formada por homens que se destacaram e contribuíram para o progresso da civilização.

A criação da Igreja Positivista foi de fundamental importância, pois acabou congregando os adeptos dessa corrente de pensamento bem como passou a funcionar como um local de reuniões dos abolicionistas e republicanos.

Nessa Igreja, em 1903 foi confirmado o casamento do então major Cândido Mariano da Silva Rondon, futuro Marechal e positivista convicto que acabou se consagrando como o maior desbravador dos sertões brasileiros.

De modo resumido, podemos finalizar dizendo que o positivismo no Brasil teve como principais causas deflagradoras:

- a) a influência exercida pelas idéias de Augusto Comte nos jovens brasileiros que foram estudar na Europa;
- b) a questão militar que proporcionou o aparecimento de um grupo de indivíduos (militares inconformados pela degradação da profissão imposta pela monarquia) prestes a serem influenciados pela nova doutrina;
- c) a nova classe urbano/industrial em ascensão, que necessitava de uma “ideologia” para defender os seus interesses;
- d) alguns intelectuais provenientes das classes mais abastadas, que tiveram contato com as idéias de Comte e que também ansiavam por mudanças político/sociais, insurgindo-se contra a monarquia e a escravatura;
- e) a questão religiosa (conflito de poder entre a igreja e o Estado brasileiro) e a demonstração de fragilidade tanto da monarquia como da Igreja, frente à modernidade (o rápido desenvolvimento científico/tecnológico).

Pode-se dizer ainda, que a causa principal, não apenas do aparecimento do Positivismo entre nós, como também do seu florescimento, foi a nossa deficiente estrutura educacional. Um país sem Faculdades de Filosofia e Ciências, e portanto, sem um espírito crítico e amadurecido, não teve como preparar uma oposição convincente a uma corrente filosófica e doutrinária como a do Positivismo.

### **3.3. A INFLUÊNCIA SOBRE RONDON**

O Marechal Rondon foi um positivista convicto e procurou pautar toda sua vida segundo os conceitos e os princípios desta Filosofia.



No seu depoimento à jornalista Ester de Viveiros (VIVEIROS, 1969, p. 587), expressou textualmente toda sua convicção e o entusiasmo que encontrou nos ensinamentos positivistas. Extraímos então, desse texto, algumas de suas afirmações, que atestam e exemplificam o comprometimento com o Positivismo.

Ao ingressar na Escola Militar, diz ele ter conhecido Luiz Ponce, o primeiro matogrossense positivista, que lhe chamou a atenção para as aulas de Benjamim Constant e apresentou o seu livro de cabeceira: “Catecismo Positivista”.

Foi também muito influenciado pelos seus professores da Escola Militar, Benjamim Constant e o Marechal Roberto Trompowski, cujas aulas eram verdadeiras “exposição filosófica”. E ao receber aquelas orientações filosóficas percebeu que iam ao encontro às “suas disposições naturais” e com as quais se deixou empolgar.

Assim, diz textualmente “...fiz convergir todas as minhas faculdades para o ideal de servir a Humanidade, servindo à Pátria e à Família”. Teve como estímulo o pensamento de seu pai: “Instrua meu filho, para que ele melhor possa servir a sua terra”.

Através das leituras das obras de Bacon e Descartes sofreu uma “renovação mental” e à partir daí procurou “...subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos que chegam à inteligência através dos sentidos”... “e a resplandecente luz da positividade rasgou as brumas de matrizes opalinos que, até então, haviam envolvido minhas concepções”. Compreendeu também que “...o altruísmo é tão inato quanto o egoísmo”.

Os princípios positivistas de “cumprir o dever” e “servir a outrem” foram totalmente assimilados por Rondon. Diz ele: “Nada sabia eu fazer, sem mudar inteiramente, e tornei-me um positivista ardente e convicto, ansioso por atingir a unidade como meio de bem servir à Humanidade, servindo à Pátria e à Família”.

“Fui sempre um religioso”, pois... “religião é para mim o meio de estabelecer uma unidade em torno do amor”... “O amor liga, assim, todas as faculdades em um todo que a fé religa ao mundo exterior”.

Enfatiza em seu depoimento o que chama de “...a necessidade mental de subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos que os sentidos transmitem ao cérebro”, ou seja, os positivistas sé reconheciam como verdadeiro o conhecimento que fosse obtido pelos “sentidos” (através da observação e da experimentação) e daí a valorização das Ciências Naturais.

Exaltando o Positivismo e o conhecimento científico diz que “...o dogma do Positivismo é a própria ciência”, a qual é “...universal, relativa e demonstrável...” e que “...só abrange o que é positivo, isto é, real, útil, certo, preciso, orgânico, relativo, simpático”.

Sobre o Positivismo, ele diz que existe nele um “anseio de unidade” e que o mesmo visa “a servir” e também é importante porque “...estabelece a cooperação na indústria, pacífica e altruísta, sem ódios de nações ou de raças”, e porque “...instituí meios de aperfeiçoar o homem, para o tornar útil instrumento da sociedade” e também “...utiliza, espontaneamente, todas as circunstâncias, para caracterizar o encanto dos sentimentos altruístas...”.

Continua exaltando o Positivismo dizendo que ele:

- “...sistematiza a existência pessoal e social, combinando o sentimento, a inteligência e a atividade, e dando preponderância ao amor que conduz ao bem comum”;
- “...estuda a ordem universal, para melhorá-la”;
- “...aperfeiçoa a ciência, tendo como objetivo o aperfeiçoamento do homem”;
- “...cultiva as belas artes...” mas “...o belo, baseado na verdade, visando ao bem-afim de desenvolver o instinto de perfeição”;
- “...generaliza a ciência e sistematiza a arte social”;
- “...tranqüiliza ricos e pobres...”;
- “...faz coincidir a felicidade como o dever”;

- “...é ao mesmo tempo, a religião do amor, a religião da ordem, a religião do progresso”;

Diz ainda que o norteamento de sua vida aos princípios positivistas foi naturalmente espontâneo, ou seja, ele já tinha uma índole para aceitar estes ensinamentos: “Daí o entusiasmo com que formulei e a dotei o lema, verdadeiramente religioso, que foi a diretriz dos trabalhos da Comissão: Morrer se preciso for, matar nunca!”.

Delineia em seguida suas “crenças”, todas embasadas no positivismo. Citaremos algumas para exemplificar:

- “Creio que o homem e o mundo são governados por leis naturais”;
- “Creio que a ciência...deu ao homem a posse de si mesmo, os meios de se transformar e de se aperfeiçoar”;
- “Creio que a ciência, a arte, a indústria hão de transformar a Terra em paraíso, para todos os humanos, sem distinção de raças, crenças e nações...”;
- “Creio nas leis da sociologia, fundada por Augusto Comte”;
- “Creio que a missão dos intelectuais é... o preparo das massas humanas desfavorecidas”;
- “Creio que a ordem material deve ser mantida...”.

Através de seu depoimento podemos verificar, que o Marechal Rondon foi totalmente influenciado pelo Positivismo procurando seguir e colocar em prática os seus ensinamentos. Adquiriu então, uma longa e inusitada experiência de vida, pois acabou desenvolvendo uma determinada conduta, um modo de agir, um procedimento que o diferenciou e o enalteceu perante os homens e a humanidade. Ribeiro enfatiza muito bem essa atitude dizendo:

*Mas Rondon foi, êle também, um filósofo. Um pensador original, na medida em que, interpretando as condições peculiares de existência da sociedade brasileira e sua larga experiência de convívio com nossas populações indígenas, formulou uma filosofia própria. (RIBEIRO, 1959, p. 8)*

Dessa experiência de vida, Rondon acabou criando ou formulando quatro princípios básicos, todos com forte conotação positivista e que passaram a nortear e orientar a política indigenista brasileira, desde 1910. Segundo Ribeiro (1959, p.8) são eles:

1. “Morrer, se preciso fôr, matar nunca”;
2. “Respeito às tribos indígenas como povos independentes”;
3. “Garantir aos índios a posse das terras que habitam e são necessárias à sua sobrevivência”;
4. “Assegurar aos índios a proteção direta do Estado”.

## 4- A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA GEOGRAFIA BRASILEIRA

### 4.1. A GEOGRAFIA NA ÉPOCA DE RONDON

Na época de Rondon a geografia ensinada e praticada em quase todo o mundo ocidental era a Geografia Lablacheana, ou seja, aquela desenvolvida por Paul Vidal de La Blache e seus discípulos. Essa geografia também era conhecida pelo nome de “Escola Francesa de Geografia” ou “Geografia Tradicional”.

Paul Vidal de La Blache (1845-1918), historiador e liberal francês, ligado ao Estado e o primeiro a ocupar uma Cátedra de Geografia em uma Universidade, constituiu-se verdadeiro iniciador e sistematizador dessa Ciência na França, no final do século XIX.

La Blache passou a estudar profundamente a geografia desenvolvida pelos alemães (principalmente os trabalhos de Friedrich Ratzel), fazendo críticas profundas a eles, sendo os

mesmos assimilados por Vidal, mas já dentro da visão e da reação dos franceses ao imperialismo germânico que se explicitava nos ensinamentos geográficos.

À partir dessas críticas, La Blache construiu a sua proposta do que seria a geografia. Para ele seria o estudo das relações entre o Homem (Sociedade) e a Natureza, onde o primeiro, ser ativo e produtivo, mas que sofria influência do meio ambiente, mas ao mesmo tempo, dependendo do nível cultural, das condições técnicas e disposição de capital, poderia atuar sobre a natureza modificando-a.

Nesse processo de trocas mútuas entre o homem e a natureza, o homem acabaria transformando a natureza, criando formas e estruturas sobre a superfície terrestre, sendo as mesmas consideradas por Vidal como “a obra geográfica do homem”.

Portanto, na perspectiva vidalina, a natureza passaria a ser vista como “possibilidade” para a ação do homem, surgindo daí a denominação “Possibilismo”, dada pelo geógrafo e historiador francês Lucien Febvre. Dentro dessa visão o homem não seria mais determinado pelo meio mas teria também possibilidades para transformá-lo, de acordo com suas necessidades.

La Blache passou então a entender a geografia como o estudo das “Paisagens”, isto é, as formas que o homem criava na superfície terrestre, humanizando-a. A observação e a descrição das paisagens (tanto as naturais como as já humanizadas) passou a ser a viga mestra da geografia francesa a qual foi difundida no mundo pelos seus discípulos.

Ao estudarem as paisagens os geógrafos franceses acabaram também desenvolvendo o conceito de “Região” (a região geográfica), que era a denominação dada a uma determinada unidade de análise geográfica (área homogênea e facilmente delimitável fisicamente) e que exprimiria a forma dos homens (sociedade) organizarem ou se relacionarem com o espaço onde viviam. Nessa área fisicamente delimitável eram integrados e descritos, tanto os aspectos físicos, como os humanos/sociais e econômicos. Apareceu assim uma espécie de receituário de pesquisa e que ficou conhecido na literatura geográfica pelo nome de “Monografia Regional”.

A região geográfica passou a funcionar como uma “unidade espacial”, dotada de individualidade, em relação às áreas limítrofes, ficando conhecida como o objeto de estudo da geografia.

Caberia então aos geógrafos delimitá-las, descrevê-las e explicá-las, passando os mesmos a acreditarem que as regiões existiriam de fato (na realidade), deixando de ser apenas um instrumento teórico de pesquisa. Assim, a “Geografia Regional” teve um grande desenvolvimento, sendo um dos principais desdobramentos da proposta lablacheana de geografia.

A geografia francesa, como quase toda as ciências, também foi muito influenciada pela filosofia positivista. Um dos primeiros reflexos do positivismo na geografia aparece na preocupação com o estudo da realidade (o real, o percebido, o sentido), ou seja, o estudo da aparência dos fenômenos, como eles se apresentavam ao observador. Daí vem a necessidade do trabalho de campo, das excursões, onde os geógrafos se deslocavam de seus gabinetes de trabalho para irem observar as paisagens, ou seja, a realidade visível e percebida pelos sentidos (valorização do empirismo e da observação como procedimento científico).

O geógrafo, como mero observador das paisagens não desenvolvia o senso crítico, passando a ser um geógrafo tecnicista, alienado dos problemas sociais e acreditando na neutralidade científica. Preocupado unicamente em registrar as relações entre o homem e a natureza, através dos estudos regionais, não atentava ou não percebia as “relações entre os homens” que resultam nos problemas sociais (conflitos entre classes sociais antagônicas, ideologias diferentes, visões de mundo, etc) e que acabavam refletindo no espaço.

Ao utilizarem em suas pesquisas o mesmo método das ciências naturais (método científico) os geógrafos ficavam restritos apenas aos procedimentos iniciais desse referido

método, ou seja, a observação e a descrição dos fatos geográficos, não conseguindo assim, alcançar relações mais sofisticadas. Vemos então que na geografia tradicional francesa o método estava implícito mas não explícito, o que acabou trazendo problemas epistemológicos para a ciência geográfica.

Ao procurar compreender as regiões em sua totalidade (aspectos físicos, sociais e econômicos) os geógrafos se defrontavam com uma dificuldade cada vez maior que era a de abarcar uma vasta gama de conhecimentos. Para superar essa dificuldade, intrínseca da geografia, os geógrafos passaram a afirmar que a geografia era uma “Ciência de Síntese”, um resumo de resumo de todos os conhecimentos sobre uma determinada área ou região.

Acreditava-se que a geografia era uma ciência singular e que possuía métodos próprios que a diferenciava e a individualizava em relação às outras ciências. Era considerada uma ciência neutra, técnica, útil e prestadora de serviços, advindo daí a sua importância para os Estados e para os governantes que necessitavam cada vez mais, ter o domínio do espaço e das suas riquezas naturais. Isto atesta a grande evolução que teve a geografia francesa, espalhando-se pelo mundo no final do século XIX e início do século XX.

## 4.2. RONDON E A GEOGRAFIA

Ao desenvolver o seu trabalho de estender linhas telegráficas para todo o interior do país, Rondon acabou dando uma grande contribuição à geografia brasileira, pois segundo Costa Pereira (s/d, p. 376), ele “...realizou uma das mais soberbas obras de exploração geográfica no globo terrestre”.

Rondon efetuou várias expedições exploradoras e teve em todas a cooperação de cientistas e naturalistas de valor, os quais muito contribuíram para o sucesso dessas expedições. Segundo Ribeiro (1959, p.19) vemos que:

*Dentre os colaboradores científicos das suas diversas expedições, contam-se nomes como Edgar Roquette-Pinto (antropólogo), F. C. Hoehne, A. J. Sampaio, Alfredo Cogniaux, H. Harns (botânicos), J. G. Kuhlmann, Adolfo Lutz, Alípio Miranda Ribeiro, Adolfo Ducke, H. Von Ihering, Arnaldo Black, H. Reinisch, E. Stolle (zoólogos), Alberto Betim Pais Leme, Euzébio de Oliveira, Cícero de Campos, Francisco Moritz (geólogos e mineralogistas), e Gastão Cruls (naturalista)... Esta plêiade de colaboradores é que permitiu a Rondon fazer da mais arrojada penetração jamais realizada através dos sertões inexplorados do Brasil, a melhor planejada e a mais fértil. As coleções de artefatos indígenas (3.380), de plantas (8.837), de animais (5.676) e de minerais (?) que Rondon encaminhou ao Museu Nacional perfazem a maior contribuição feita àquela instituição em um século de existência. Os estudos de campo e a análise destas coleções dariam lugar a mais de uma centena de publicações que colocam Rondon no primeiro plano como incentivador do desenvolvimento das ciências do Brasil.*

Mas essa sua disposição de procurar desenvolver o conhecimento geográfico e científico das áreas percorridas, tal como nos aponta Costa Pereira (s/d, p.376): “Rondon e seus abnegados companheiros fizeram, notadamente, explorações de maior importância, quer para a Geografia quer para outros ramos científicos, tais como geologia, etnografia, antropologia, botânica, zoologia”... se deve ao seu envolvimento com os princípios positivistas de valorizar o conhecimento científico e o de servir. Diz ele textualmente: “Parto

do ditame positivista de que o principal fundamento da felicidade é o de servir, servir amando e agindo dignamente”. (RONDON, 1953, p.82).

Lins aponta muito bem esse fato dizendo:

*Ao aceitar o difícil encargo, por muitos tido como irrealizável, assentou Rondon, desde logo, com o presidente da República, que a nova Comissão se encarregaria, não só da construção mais ainda de todos os trabalhos que se prendessem ao completo conhecimento da região que se ia atravessar. Devia ser estudada quer sob os aspectos geográfico, botânico e mineralógico, quer quanto às características das populações indígenas que lá vivessem, as quais ficariam sob os cuidados da Comissão, no intuito de resguardá-las e evitar-lhes os flagelos e crueldades de que haviam sido vítimas os habitantes de outras regiões por ocasião de empreendimentos análogos. (LINS, 1965, p. 620)*

Segundo Antonio Filho (1995) a obra de Rondon é vasta e multidisciplinar e com relação ao material documental disponível, a maior parte é constituída por relatórios técnicos. As observações e as anotações mais valiosas, principalmente as que dizem respeito aos aspectos geográficos, são de autores ou testemunhas envolvidas direta ou indiretamente com a vida daquele sertanista.

Estes relatórios também têm caráter mais descritivo e informativo do que propriamente científico, o que dificulta um abalçamento criterioso da produção geográfica levantada pela denominada “Comissão Rondon”.

Procuramos então, realizar apenas um resumo do que foi a sua contribuição para a Geografia, baseando-nos na mensagem, enviada pelo próprio Rondon à “Associação dos Geógrafos Brasileiros” (AGB), em reunião realizada em Cuiabá em julho de 1953. Diz ele:

*Graças ao concurso de auxiliares entusiastas e verdadeiramente incansáveis, pude realizar surpreendentes descobertas para a Geografia e para as Ciências Naturais. Ficou incorporada ao patrimônio geográfico uma área de cerca de 200.000 Km<sup>2</sup>, até então virgens e com ela a representação gráfica e a descrição de grandes rios, novas serras e uma avultadíssima nomenclatura nova, o que acredito seja a maior contribuição geográfica brasileira resultante de um só empreendimento... Procurando sumariar os principais resultados das sucessivas “équipes” que dirigi ou seja da Comissão Rondon e da Inspeção de Fronteiras, vêm-me à memória:... Ficou levantado o rio Paraguai, desde a sua remota cabeceira e todos seus grandes afluentes brasileiros... quase todos os grandes rios da bacia do Amazonas que nascem no território de Mato Grosso... Ficou bem caracterizada, dentro do Estado do Mato Grosso e na maior parte levantada, a linha separatriz ou “divortium aquarum” Amazonas-Prata... Muitos divisores secundários, no âmbito das duas grandes bacias, estradas, caminhos, piques, etc., ficaram levantados, chegando os detalhes à demarcação de terras indígenas e ao levantamento de cidades vilas, povoados, etc... Muito cedo (desde 1922), o serviço cartográfico da Comissão Rondon chegou à conclusões novas sobre a posição da linha que separa as matas dos campos ou cerrados no chapadão dos Parecis... Cerca de 200*

*publicações vieram a lume, relativos aos aspectos administrativo, técnico e científico dos trabalhos enfrentados pela Comissão Rondon... Um dos resultados mais apreciáveis como finalidade justificativa dos grandes esforços empenhados (com holocausto de preciosas e saudosas vidas), foi o da confecção e publicação da “Carta do Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”... Que acredito ser a mais alta expressão do esforço para concatenar em um só documento todo o manancial de estudos de Mato Grosso e das regiões circundantes, desde os meados do século XVIII até os novos dias... (RONDON, 1953, p.84)*

Também os aspectos econômicos das regiões exploradas pela Comissão Rondon foram levantadas, como nos mostra Lins:

*Entre os resultados econômicos de suas investigações, destacam-se a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do rio São Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamantes nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de jazidas de mercúrio metálico na florestas do rio Gi; de manganês nas origens do rio Manuel Correia, na serra Pires de Campos e no Vale do rio Sacre; de gipsita nas cabeceiras do Cautário; de mica no córrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no vale do Baixo Garças... Também verificou a existência abundante de ipeca cinzenta no vale do Pimenta Bueno e margens do Gi-Paraná até Urupá, do Cautário e do São Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiácea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na célebre Mata da Poaia do Alto Paraguai... Determinou, finalmente, as regiões em que a “Hévea”, a “Bertholetia”, e a “Castilloa” vivem grande em grandes associações ao norte do paralelo de Diamantino, entre os rios Araguaia e Guaporé. (LINS, 1965, p. 622)*

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em seu trabalho sobre a obra de Rondon, Ivan Lins nos diz textualmente que:

*Muito se fala em Rondon, mas pouco são os que em nosso país, realmente conhecem o que foi sua obra de desbravamento de nossos sertões. (LINS, 1965, p. 619)*

Para nossa surpresa essa frase de Ivan Lins nunca foi tão verdadeira e autêntica. Em contato com os estudantes do Curso de Graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro (SP) nos conscientizamos dessa realidade ao verificar que a maioria dos jovens de nossa época desconhecem quem foi o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e qual foi a sua obra. Para nosso maior espanto muitos nunca ouviram falar em seu nome.

Infelizmente, em nosso país, não é dado o devido valor e não são bem divulgadas as obras e os trabalhos ligados a figuras tão importantes da história pátria. Nossos “heróis” são esquecidos, sendo muito mais reverenciados e conhecidos no exterior do que aqui, como é o caso do Marechal Rondon.

Procurando sanar essa lacuna é que nos propusemos a escrever esse artigo objetivando atingir principalmente os jovens estudantes de Geografia que precisam saber que Rondon é

também reconhecido como “geógrafo” (AZEVEDO, 1965) e que deu uma importante contribuição à essa ciência em nosso país.

Mas por outro lado, fazer o levantamento completo da obra de Rondon e seus auxiliares no que diz respeito à sua contribuição ao desenvolvimento das Ciências Naturais e da Geografia, bem como de sua atuação frente aos silvícola, é tarefa árdua e difícil. Também não caberia num artigo dessa natureza querer enquadrar toda a sua produção científica, pois fugiria ao nosso alcance.

Procuramos então, com o nosso trabalho, levantar e trazer alguns traços mais gerais e característicos do que foi a sua vida e como ele acabou ficando respeitado e reconhecido nacionalmente e internacionalmente como o grande desbravador dos sertões e protetor das populações indígenas.

Evidenciamos que esse reconhecimento a ele dedicado deveu-se principalmente ao seu modo de vida, ou seja, ao seu modo de agir e de proceder, que resultou no desenvolvimento de uma personalidade ímpar, de um caráter indescritível e de uma energia indomável. Ribeiro (1959) enfatizou muito bem essa questão mostrando que da sua experiência cotidiana e de sua maneira peculiar de explorar os nossos sertões acabou criando uma espécie de “filosofia” que o enalteceu e o transformou em um “herói”.

Procuramos também evidenciar, neste trabalho, que tal procedimento, (“filosofia de vida”) por ele adotado e praticado durante toda a sua existência deve-se a dois traços essenciais. Em primeiro lugar à sua própria “índole”, ou seja, à sua formação interior que se prestava a esse tipo de vida, pois o próprio, mencionava que sempre pulsou em suas veias e em seu coração o desejo de “servir” e de “obedecer” a ordem constituída.

Em segundo lugar a grande influência que sofreu da Filosofia positivista, com a qual teve contato pela primeira vez na Academia Militar e que acabou norteando toda a sua vida. Rondon foi um positivista convicto e praticante como atesta ao ditar sua biografia para a jornalista Ester de Viveiros.

A preocupação com o desenvolvimento das Ciências Naturais e a Geografia em nosso país é também reflexo dessa influência pois para os positivistas o desenvolvimento e a crença no conhecimento científico é quase que um dever.

Finalizando, podemos afirmar que Rondon, integrador nacional, explorador dos sertões, indigenista incomparável, cientista e soldado exemplar, foi tão grande ou maior quanto à extensão do país que serviu incondicionalmente.

Analisando a sua vida e a sua obra, não podemos deixar de nos indagar, em que outras nações ou culturas, em que outro lugar do mundo, poderiam se combinar e fundir de maneira tão prática e eficiente, numa única personalidade, a noção de dever, de servir, de desenvolver o conhecimento e proteger os desamparados e cujo lema por ele próprio cunhado: “MORRER, SE PRECISO FOR, MATAR NUNCA”, o imortalizaria.

Rondon faleceu no dia de aniversário de seu mestre, Augusto Comte, em 1958, mas acabou deixando um exemplo a ser seguido e um legado à sua família, à pátria e a humanidade e que não pode ser ignorado pelos nossos jovens estudantes.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AZEVEDO, A. Rondon o geógrafo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 42, p.51-63, jul., 1965.

CORREIA FILHO, V. Vultos da geografia do Brasil: Rondon. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.23, nº 3, p.557-560, jul/set, 1961.

COSTA PEREIRA, J. U. A geografia no Brasil. In: AZEVEDO, F. (Org.) As Ciências no Brasil. Cap. VII, p. 315-412, Edições Melhoramentos, São Paulo, Vol.1, s/d.

ANTONIO FILHO, F.D. A visão sobre a Amazônia Brasileira: Uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940. Tese (Doutorado em Geografia), IGCE/UNESP, Rio Claro (SP), 1995.

LINS, I. História do positivismo no Brasil. São Paulo, Companhia Editora nacional, 1964.

\_\_\_\_\_. A obra de Rondon. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano 24, nº 187, p. 619-625, jul/ago, 1965.

RIBEIRO JÚNIOR, J. O que é positivismo. São Paulo, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, nº 72, 1991, 10ª Edição.

RONDON, C.M.S. Mensagem do General Cândido Rondon à Associação dos geógrafos Brasileiros. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 15, p. 82-82, out., 1953.

VIVEIROS, E. Rondon conta sua vida. Rio de Janeiro, Editora da Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1969.

Recebido em outubro de 2004.

Aceito em março de 2005